Desafios 20

Cadernos de trans_formação

março de 2017

Narrativas sobre a vida na escola

CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
PORTO

SAME
SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

ISSN: 2183-7406

Ousar ser autor nos tempos de crise

Ficha técnica:

Direção:
José Matias Alves

Coordenação deste número:
José Matias Alves

Edição:
Francisco Martins

Colaboradores permanentes:

Ana Paula Silva
Alexandra Carneiro
António Oliveira
Cristina Bastos
Cristina Palmeirão
Fátima Braga
Fernando Alexandre
Fernando Costa
Filomena Serralha
Goreti Portela
Ilídia Cabral
João Rodrigues
João Veiga
Joaquim Machado
Joaquina Cadete
Jorge Nascimento
José Maria de Almeida
José Reis Lagarto
Luísa Orvalho
Luísa Trigo
Lurdes Rodrigues
Manuela Gama
Manuela Ramoa
Maria do Céu Roldão
Maria de Lourdes Valbom
Maria Peralta
Rita Monteiro
Rodrigo Queiroz e Melo
Teolinda Cruz
Valdemar Almeida
Vítor Alaiz

ISSN: 2183-7406

Colaboram neste número:

Alunos do Doutoramento em Ciências da Educação

- José Pissarra Morais
- Isabel Cristina Machado Lage Henriques
- Marisa Simões Carvalho
- Carla Noronha
- Margarida Oliveira
- Cláudia Sofia Silva Santos
- Maria Joana Francisca Vigano Rafael
- Alfredo José Marinho Caseiro de Almeida
- Carla Moreno
- Laura Maria Gouveia da Rocha

Índice

Editorial 5
Coração de Chocolate 6
Professores e outros técnicos 8
A História da Cadeira Vazia 10
Um caso de sobredotação 12
A Menina que via mal para o quadro 16
Tinham-me dito logo no primeiro dia: era uma escola difícil 18
Educação: Pais e Professores 21
Gestão e mediação de conflitos em contexto escolar – construir na indisciplina 24
Todos os dias há desafios diferentes 28
As escolas são geradoras de aprendizagem, crescimento, equidade e inclusão 30

Editorial

Ver os Problemas para Construirmos Soluções Justas

Este é um número especial dos Cadernos Desafios. No âmbito do doutoramento em Ciências da Educação, na área de especialização de Administração e Organização Escolar, um dos trabalhos dos doutorandos foi narrar um problema que obstaculize o cumprimento das promessas educativas. Nomeadamente, o problema da solidão pessoal, da equidade e da justiça, da integração organizacional, da realização nos diferentes planos vitais.

A capacidade de ver e reconhecer problemas é uma das dimensões essenciais da ação organizacional. Uma das condições básicas para empreender ações de melhoria dos processos e dos resultados educativos.

Neste contexto, as narrativas aqui apresentadas, nas suas singularidades e nas suas diferenças, são um excelente exemplo para iniciar processos de produção de conhecimento e de transformação positiva das realidades.

A todos os autores uma palavra de reconhecimento e gratidão.

José Matias Alves

Diretor-Adjunto da FEP

Coração de Chocolate

José Pissarra Morais

20.15h. No escritório mora agora comigo um silêncio estranho que durante todo o dia não consegui ouvir. A vida na escola é demasiado apressada ficando às vezes a sensação de que o dia nos deixa, ainda verde, sem a oportunidade de o saborearmos maduro e doce. É este o desabafo do silêncio que oiço neste momento. Ao ritmo dos minutos, hoje, aqui, celebrei tantas vitórias, engoli tantas derrotas, tentando sempre fugir de todas as batalhas. Arrumo os últimos papéis, desligo o computador, apago as luzes e saio para o corredor com a agenda de amanhã por companhia.

A noite toma conta do pátio da escola. A chuva engrossa. Não fossem as horas a badalar no estômago esperaria por um tempo menos molhado antes de enfrentar a Rua Saraiva de Carvalho. Sentado em cima da mochila vermelha, junto ao portão e sob os olhos atentos do porteiro, está um coração quente e forte dentro de um corpo frágil, com apenas 8 anos de idade. Hoje chamo-lhe Tiago. Os nossos olhos querem falar, e nós deixamos. A conversa gosta de nós, nós gostamos um do outro, voltamos para dentro e o inverno fica lá fora. O silêncio e o quentinho do escritório recebem-nos de braços abertos.

A semana passada esteve com o pai, esta semana está com a mãe. Ela tem muito trabalho, o avô João está doente, gosta muito dos professores, hoje teve educação física, amanhã teste de português, deve estar mesmo a chegar. Gosta muito da nossa escola, o campo sintético é que é bom, teve um excelente a português e a mãe está de bebé. O meu telefone chama e responde-lhe o silêncio. O telefone insiste e o silêncio também. Deve estar mesmo a chegar.

Ofereço-lhe um chocolate. Come-o aos pedacinhos a gostar muito de o comer. Olha para o pote de vidro onde outros se oferecem. Come mais um. Sabe-lhe tão bem que os seus olhitos castanhos já parecem chocolates. Enquanto o doce faz a sua parte, eu, discretamente, envio uma mensagem à mãe. Agora sim, responde uma voz de mulher. O

trânsito está um caos, tive um azar no trabalho, peço desculpa pelo incómodo, só mais cinco minutinhos, espero que ele esteja bem. A voz distante da mãe derreteu o chocolate dos olhos. Ficaram a brilhar. Deve estar mesmo a chegar.

Com o meu consentimento, os dedos finos do Tiago mergulham uma vez mais no pote de vidro. Escarafuncham sem pressa, encontram e tiram um chocolate lindo, envolto em papel vermelho, em forma de coração. Olha para mim, eu olho para ele. Vejo um sorriso pequenino e curto, daqueles que parecem ter medo de se revelar mas que deixam imenso conforto. Silêncio.

Ouvimos passos. Tot, toc, toc, o trinco da porta dispara, entre se faz favor, e a mulher entrou. Os cabelos dela, cheios de inverno, dizem-nos quase tudo. As palavras atropelam-se umas às outras a dispararem frases que a mãe não quer dizer, o filho não quer ouvir e o diretor pedagógico também não. Olha para o filho e abraça-o. Tiago, muito sereno, estende a mãozita aberta com o coração de chocolate:

- Toma mãe, é para ti.

Os quatro olhos dos adultos mandaram calar as bocas. Os dois saíram como se fossem um só.

Professores e outros técnicos

Isabel Cristina Machado Lage Henriques

Escrevo na primeira pessoa, recordando professores e outros técnicos que passaram pela minha vida.

Tive professores que, sem estarem cientes do seu imenso poder, me despertaram, influenciaram e desafiaram, me acrescentaram valor e me transformaram. Depois, desenharam caminhos, embarcaram comigo na aventura, acompanharam, aconselharam e desenvolveram.

Eles, quais magos do conhecimento, criaram espaços e tempos de diálogo e liberdade, conferindo-me autonomia e responsabilidade que me conduziram a uma cidadania consciente.

Cada professor foi diferente e fez a diferença.

Tive a sorte de me ter cruzado com professores assim. Pessoas que, em surdina, fizeram um caminho paralelo ao meu. Como uma sombra, que desaparece ao meio dia e se revela ao fim da tarde. Seres inspirados, intervindo nos momentos de penumbra, desaparecendo nos momentos de claridade. Humildemente, pacientemente, sabiamente. Sempre com uma honestidade e serenidade próprias de seres tranquilos, comprometidos com as suas ações e humanos nas suas relações.

Há professores guardadores de rebanhos, tratadores de possibilidades, facilitadores de sonhos. Professores com vocação, entrega e dedicação.

Não acredito nos professores das nove às cinco. Esses são os técnicos.

Também os tive.

Gente cansada, amargurada e arrogante. Quase sempre insegura, egoísta e sempre deveras atarefados.

Eram considerados muito competentes, por isso, tinham pouco tempo para conversas e outras coisas banais, estavam sempre ocupados com coisas mais relevantes como cumprir

o programa, escrever os sumários, marcar faltas, manter a disciplina nas turmas e ir a reuniões importantes. Todavia tudo o resto era acessório, difícil e quase sempre inútil.

Estes técnicos, entendiam a autoridade como ponto de honra. Mal sabiam, coitados, que onde eles viam disciplina, ordem e rigor, eu só via fragilidade, insegurança e demagogia.

Os técnicos davam as aulas e atribuíam tarefas, os professores construíam as aulas e criavam expetativas. Era a ditadura do silêncio ou a democracia do diálogo, a arrogância das certezas ou a humildade da dúvida, a formatação ou a transformação, a instrução ou a educação.

Entre eles um abismo!

Em cada aula, uma realidade diferente. Em dez minutos de intervalo, atravessava um Universo incoerente e entrava noutro mundo com diferentes regras, valores e personagens (como nos programas que gostava de ver na TV).

Nós, os alunos, respondíamos exemplarmente: ora como plateias mumificadas com os sentidos devidamente anestesiados, num torpor distante e silencioso, como exortavam os técnicos, ora interventivos e críticos, mobilizando conhecimentos e construindo opiniões, como solicitavam os professores.

Eu cruzava essa ponte, para lá era um caminho de tédio, para cá era uma avenida de luz e, assim, entre a ingenuidade da infância e o atrevimento da adolescência, fui cumprindo o meu caminho.

Os técnicos passaram, mas os professores permaneceram.

Professores e outros técnicos? Como dizia o poeta, *comparar uma coisa com outra é esquecer essa coisa. Cada coisa só lembra o que é, e só é o que é nada mais. Separa-a de todas as outras o abismo de ser ela. Tudo é nada sem outra coisa que não é.*

Em memória do Professor Carlos Manuel Rodrigues

A História da Cadeira Vazia

Marisa Simões Carvalho

Era uma manhã solarenga de Outono... Entrava na escola com um ar animado de quem esperava um belo dia de trabalho. Entro no gabinete quando me deparo com uma cadeira, uma cadeira vazia. Não eram naturalmente as cadeiras que daquele espaço faziam parte, essas sim apenas vazias. Mas esta, não era apenas uma cadeira vazia. Era sim, uma cadeira cheia de significados.

À partida, poderia apenas tratar-se de uma cadeira de madeira. Cadeira de escola, cadeira de sala de aula. Ainda nova. Teria sido comprada recentemente. Aproximo-me e reparo que estava escrita a caneta Bic. As inscrições diziam "*KOSOVO*"… Seria estranho para alguém que não conhecesse a realidade e o contexto desta escola. Não foi estranho para mim, sabendo referir-se ao bairro social de origem de muitos dos nossos alunos.

Restou-me aguardar uma explicação… Qual o significado daquela cadeira ali?

A explicação não tarda e eis que percebo a história daquela cadeira (tão pouco) vazia.

Decorria a aula de Português do 5.º B. Toca para o intervalo e os alunos saem a correr deixando para trás alguma confusão de mochilas, casacos, mesas e cadeiras. A professora depara-se, então, com a dita cadeira riscada, aproxima-se e rapidamente assinala o nome do suspeito… Aluno difícil e com um historial de insucesso(s). Naquela turma de pequenos alunos, acabados de chegar da "escola primária", não poderia ser mais ninguém.

Sem mais, pega na cadeira e faz-se acompanhar da mesma até ao gabinete da Equipa Multidisciplinar. Quem melhor para resolver o problema da cadeira senão a Equipa Multidisciplinar!?!? Não será esta a sua função???

É recebida em espanto… Mas a este espanto segue-se um périplo de perseguição, acusações, moralismos e objeções… E ali fica a cadeira vazia.

Feitas algumas considerações em torno de tão estranha situação, acorda-se a resolução imediata da situação com a limpeza e arrumação da cadeira… Mas passam-se os

dias e aquela cadeira vazia ali continua, gritando tantas e tão significativas narrativas… Gritando a voz do aluno em sofrimento, gritando a voz da professora em dificuldade, gritando a voz do técnico em apatia, gritando a voz da escola em mudança, gritando a voz da comunidade em exclusão… Gritando!

Mais poderia acrescentar a esta narrativa, mas talvez tivesse que gritar… Gritar a mudança da escola…

Um caso de sobredotação

Carla Noronha

> *Os sistemas educativos formais são muitas vezes limitativos, e acusados com uma certa razão de limitar o desenvolvimento pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais.*
>
> **Jacques Delors**

Os alunos sobredotados são muitas vezes conotados como alunos hiperativos, desinteressados, alunos incómodos, em conflito com a escola que não responde às suas necessidades e expectativas. Isto acontece porque os métodos de ensino-aprendizagem não são concebidos para atender à criança sobredotada, segundo Delors, o sistema de ensino tem colocado barreiras aos professores que se propõem implementar práticas mais criativas, na sala de aula. No entanto, através dos despachos normativos nº 50/2005, nº 24 A/2012 e nº 13/2014, a legislação portuguesa passou a prever algumas medidas no sentido de contemplar as capacidades excecionais destes alunos.

Contudo, o perfil dos alunos sobredotados não é homogéneo, o que dificulta a sua deteção, mas é consensual que apresentam características para além do Q.I. elevado, através dos quais os podemos referenciar.

O Duarte, aluno cujo caso apresento, frequentou uma escola durante quatro anos, foi sujeito a uma retenção no 3º ano e caracterizado como um aluno desinteressado, apático, pouco empenhado e com dificuldades de aprendizagem conforme consta no Processo Individual do Aluno. Chegou ao Externato Ribadouro desmotivado, derrotado e angustiado. Os pais, encarregados de educação atentos e preocupados com a situação do seu filho, que

manifestava em desabafos escritos o desagrado pela escola e pela vida, pediram a transferência de estabelecimento de ensino.

Para além de um permanente escutar e da interação dialógica, os pais, a equipa multidisciplinar da escola: diretora pedagógica, professora titular e psicóloga, conjuntamente com a Associação ANEIS e com base nos dados fornecidos pelo pedopsiquiatra que o acompanha, delinearam pormenorizadamente o perfil do aluno para tentar ir ao seu encontro, através de estratégias capazes de promover o seu sucesso escolar e a sua felicidade. Deste trabalho colaborativo foi traçado o perfil do Duarte. Aluno de QI elevado, com conhecimentos excecionais, com grande criatividade, senso de humor e curiosidade direcionada para a investigação na área da Biologia. Apresenta vocabulário proficiente e preciso, pensamento metacognitivo, curiosidade intelectual, cultiva o perfecionismo, tem ideias e ambições muito elevadas, reage negativamente às críticas externas, mas é capaz de se autocriticar de forma exigente. Não aceita o raciocínio ilógico e formula perguntas desconcertantes. A impaciência face à lentidão dos outros, as rotinas, os regulamentos e a autoridade excessivos provocam-lhe desconforto e um alheamento em relação à escola. Depois de todo este estudo e reflexão, concluiu-se que afinal o Duarte não é um aluno problemático, nem desinteressado pelas atividades letivas, tal como foi referenciado, mas antes um aluno com capacidades excecionais que pertence ao grupo das Mentes que Brilham e para ele foi elaborado um Plano Educativo Individual.

Neste contexto, o PEI delineado para o Duarte teve como suporte a legislação em vigor, os documentos estruturantes da escola, as entrevistas aos pais e aos elementos da ANEIS, a informação fornecida pela professora titular, a observação/acompanhamento do aluno pela psicóloga da escola e a análise documental, inclusive através do registo mediático da SIC que acompanhou o aluno durante um dia na escola e outro dia no seu nicho familiar.

Assim, destaco, pela sua eficácia enquanto resposta às expectativas intelectuais e emocionais do Duarte, algumas estratégias educativas estimulantes e desafiantes, no trilho da afirmação Quanto mais der de si à criança, mais recebe de volta (Moreira, 2002).

Tendo como premissa que alunos com capacidades excecionais precisam de ir para além do currículo predefinido para a sua faixa etária, o Duarte participou em aulas de laboratório na área de Biologia e Geologia dos alunos do 10º e 11º anos, satisfazendo a sua acuidade na observação e aptidão académica.

Por opção do aluno, fez parte do Clube de Xadrez em detrimento de atividades desportivas, ferramenta pedagógica que serviu o seu raciocínio lógico, a sua capacidade de concentração, a tomada de decisões e o seu gosto por desafios. Estas medidas cumpriram um compromisso de toda a Comunidade Educativa em prol da equidade de todos os alunos na escola inclusiva, num esforço de adequação às necessidades e expectativas deste aluno, libertando-o das amarras convencionais, por ciclo, do sistema educativo que alguns agentes da ação educativa ainda praticam, ou por falta de formação escassa neste domínio, ou por medo de falhar, porque sinalizar o perfil das crianças sobredotadas, apesar dos ventos favoráveis das últimas referências normativas, continua um desafio imenso e complexo.

Também, no vasto e diferenciado universo de atividades extracurriculares, o Projeto Educacional Sinergias de Saberes (PESS) teve um inquestionável contributo na diversificação das áreas de interesse do Duarte, através da sua participação nos teatros, indo de encontro ao seu desejo de liderança como apresentador e personagem, em que pôs à prova as suas habilidades textuais, criativas e organizacionais, quer ao nível da linha concetual quer do improviso; da participação nas sessões Sementes de Filosofia, em que pôde saciar o seu espírito crítico e curioso, antecipando pesquisas quanto aos temas a desenvolver, que lhe permitiram formular questões audaciosas, mas pertinentes durante as sessões e ocupar a mente com aprendizagens complexas, para além da aptidão manifestada na sua área de conforto - a Biologia; a participação, com alunos do 7º ano, ao nível da elaboração e da representação da peça dramática para a Noite de Astronomia na Escola, encarnando Plutão, trabalho exigente ao nível da pesquisa autónoma, porque o Duarte se impõe criar e desenvolver o seu trabalho, em que se empenha e concentra quase de forma obsessiva, o mesmo acontecendo com o Teatro para o dia de S. Valentim Romance de D. Pedro e Inês de Castro, em que à última da hora assumiu o longo e difícil papel do protagonista, improvisando textos e encarnando a personagem com verdadeira alma de artista. Com estas e outras atividades pedagógicas diferenciadas, o PESS pôde quebrar a monotonia das aulas e desafiar as suas habilidades excecionais.

Mas a medida mais arrojada delineada, sem dúvida um desafio para a escola hodierna, contemplada na lei, foi o salto do 3º ano para o 5º ano, um salto em frente para o desenvolvimento pessoal e intelectual do Duarte, porque lhe permitiu rentabilizar as suas potencialidades e capacidades singulares de aprendizagem e de realização. Como âncora de

sucesso sustentável para esta medida, muito contribuiu o clima de escola, tendo sido proporcionada ao Duarte uma Noite passada na Escola com os alunos do 5º ano, subordinada ao tema Índios e Cowboys, visando sobretudo a gestão de emoções, através de uma integração recíproca do Duarte, do coletivo turma, dos professores e funcionários de ação educativa, de resto uma dimensão da missão e visão da escola projetada para o futuro. Registe-se, mais uma vez, o trabalho de antecipação do aluno em relação ao gosto pelas aprendizagens novas e extramuros da sala de aula, revelando um conhecimento profundo sobre a cultura destes povos, mas rejeitando o momento de convívio do Saloon, tendo-se refugiado com uma professora no acampamento onde pôde desenrolar tudo quanto pesquisara, numa cadeia relacional do ontem com o hoje e o amanhã.

Todas estas medidas surtiram efeito, o aluno soltou-se, diversificou o seu centro de interesses, encontrou-se consigo, sentiu alegria em situações de alteridade e passou a sentir-se bem com a escola e com a vida. Citando Johnson (julho, 2015), o que se seguiu foi um dos mais extraordinários efeitos do beija-flor, na escola, pois não só o Duarte cresceu como fez crescer a escola.

É-me grato terminar com as palavras dos pais do Duarte relativamente à forma como foi acolhido na escola, devolveram ao nosso filho o acreditar em si e na escola.

Carla Noronha

fevereiro, 2017

A Menina que via mal para o quadro

Margarida Oliveira

Franzina, a Daniela chegou ao 5º ano com algumas dificuldades de aprendizagem, grandes problemas de visão, mas grande agilidade para a corrida. Representou a escola em competições nacionais e integra a equipa de atletismo da cidade. Contactada a mãe (encarregada de educação), ficamos a saber que o problema já se arrastava do 1º ciclo e que continuava a aguardar consulta no Centro de Saúde.

O tempo foi passando e a Daniela mostrava cada vez mais dificuldades, apesar da ajuda e do apoio prestado.

Perante o impasse do sistema de saúde e as parcas possibilidades da família, Daniela foi apresentando algum desinteresse e desmotivação, consequência do esforço que lhe estava a ser exigido para cumprir as suas obrigações com a escola – estudar diariamente e realizar as tarefas. As dificuldades aumentavam a cada dia e de pouco valiam o apoio dos colegas e a ajuda dos professores, traduzidas em incentivos e adequações dos instrumentos usados (ampliados).

Sempre que contactava a mãe, para tratar de algum assunto, a Diretora de Turma perguntava pela consulta e obtinha a mesma resposta – estamos à espera!

Cansada, de tanto impasse e pouca iniciativa da família para pressionar o sistema através do Centro de Saúde, e porque as dificuldades da aluna poderiam por em risco o seu sucesso, no dia 14 de novembro de 2013 foi apresentado o caso no Centro de Saúde onde é seguida pelo médico de família. A Daniela teve consulta na semana seguinte com o diagnóstico de sérias dificuldades de visão, seguida de um pedido urgente de consulta de oftalmologia para o Hospital de S. João.

Os dias voltaram a passar e a esperança de ver a Daniela com a sua situação resolvida, parecia desvanecer-se. Aumentava também a impaciência e desinteresse da aluna, dado o esforço que diariamente lhe era pedido. A aluna parecia até cada mais franzina! Na sala de aula era aflitivo ver como quase colava a cara aos livros e cadernos e a dificuldade que tinha

em ver para o quadro, apesar da proximidade da carteira. Serrava os olhitos e franzia a testa para focar melhor, causando grande aflição e perplexidade enquanto todos se perguntavam: " Como é possível que o sistema não responda a esta pobre miúda!..."

Em conversa na sala de professores, surgiu a ideia de contactar diretamente o hospital. Sem grandes esperanças, no início do 2º Período letivo, a Diretora de Turma decidiu esgotar os recursos que estavam ao seu alcance. Com o conhecimento e autorização da mãe da Daniela foi feito o contacto com o hospital.

Não dava para acreditar! Um simples telefonema e sabia-se qual o médico responsável pelo serviço de oftalmologia e respetivo endereço eletrónico.

A cada dia aumentava a ansiedade. Passaram duas semanas e …

- Professora! Chegou uma carta do hospital com o dia da consulta-exclamou feliz a Daniela.

- Graças a Deus! Por favor Daniela, não faltes à consulta!

- Não, não professora, vou com a minha mãe.

Em março, com a ajuda da família, a Daniela finalmente teve os óculos que lhe permitiam ver muito melhor e feliz comentou com o professor da 1ª aula desse dia:

– A minha DT vai ficar muito feliz quando me vir de óculos!

Tinham-me dito logo no primeiro dia: era uma escola difícil

Cláudia Sofia Silva Santos

Tinham-me dito logo no primeiro dia: era uma escola difícil - Território Educativo de Intervenção Prioritária. As turmas tinham sido distribuídas e eu fiquei com a última do 9º ano. A turma-problema como era catalogada pelos colegas desde o início do ciclo. Vinte e oito alunos, seis dos quais com várias repetências.

Na hora marcada lá me apresentei àquelas crianças, que olhavam para mim, sem muita expectativa, como se as estivesse a incomodar. Estaria, de facto, mas ainda não o sabia.

Quando distribuí as fichas de identificação do aluno – estratégia tradicional naquela escola em todas as disciplinas – pedi para serem o mais sinceros possível, pois aquele seria o primeiro contacto que tinha com eles, não só como alunos, mas também como adolescentes à procura do seu lugar no mundo. Do fundo da sala alguém me respondeu que ninguém podia compreender o seu lugar no mundo. Considerei aquela interpelação uma afronta, mas, para não gerar conflito com o aluno, não valorizei o seu grito de revolta.

Cheguei a casa e, cheia de vontade e curiosidade de conhecer as pessoas para além dos rostos, ordenei alfabeticamente as fichas de identificação. Ana Rita, Catarina, Hélder, Ivo, Mariana, Mariya, Rafael, Sara, Valéria...tantos nomes e tantas histórias para conhecer. No turbilhão de emoções e de trabalho de início de ano, arrumei as fichas e deitei mãos à obra: preparar as aulas para aquela turma.

Na aula seguinte apresentei o programa... uma viagem fantástica pela literatura, dizia eu....uma seca, diziam eles. Os dias foram passando, a matéria foi sendo apresentada, mas eu não sentia que os alunos levavam alguma coisa nova para as suas vidas.

- Rafael, o trabalho de casa não é para vir feito?

- Sara, como queres melhorar as notas se não trabalhas em casa?

A estas questões inquisitórias seguia-se o silêncio.

Até que um dia, o Rafael me disse:

- Se eu fizer os trabalhos de casa, quem faz o jantar e toma conta dos meus irmãos?

Na altura não reagi. Disse simplesmente que daquela vez não ia marcar falta, mas que ia falar com o diretor de turma.

Assim que cheguei a casa, fui procurar as tais fichas de identificação que ficaram a um canto, por falta de tempo para as analisar. Deveria tê-lo feito assim que os alunos as preencheram. Afinal, aquelas folhas tinham realmente um papel fundamental para conhecer aquela turma...

Rafael: mãe em parte incerta, pai a trabalhar em França para sustentar os três filhos menores (o Rafael era o mais velho dos três).

Sara: pai incógnito, profissão da mãe: prostituta.

Valéria: pai pescador.

Tantas outras realidades...

Aqueles miúdos precisavam de um método diferente. De um professor que realmente os conhecesse para além da sala de aula, que compreendesse a sua falta de motivação, a sua rebeldia, os seus problemas, a sua realidade.

No dia seguinte tinha uma nova estratégia.

- O que gostavam de fazer nas aulas de português que não têm oportunidade de fazer na escola?

Em coro e surpreendentemente disseram: teatro.

Assim foi.

Foi com eles que, pela primeira vez, impliquei a turma, não a Ana Rita, a Catarina, o Hélder, o Ivo, a Mariana, a Mariya, o Rafael, a Sara, a Valéria. A partir daquele dia, as aulas funcionaram de forma diferente. Os alunos eram os atores, eram eles quem contribuía para a aprendizagem. A eles eram distribuídos os papéis de ensinar através de atividades práticas. As experiências de vida foram valorizadas e o saber fazer redobrado. Ajudou o facto de estar a leccionar o *Auto da Barca do Inferno* – *'stora*, afinal isto não é assim tão mau!

Um elogio!

Arregacei novamente as mangas e pedi a colaboração de outros colegas que leccionavam, naquela escola, alguns cursos profissionais, para me ajudarem a abrir horizontes àqueles alunos. Era um trabalho desgastante, mas que em conjunto iria dar frutos.

O programa foi cumprido, porque era um ano de exame nacional, mas não era isso que me preocupava mais. Sabia que aqueles alunos tinham de perceber a escola, para além da obrigação. Tinham de perceber a escola como um motor para o sucesso social e profissional que os esperava. O percurso até ali tinha sido atribulado e eu queria combater, com a turma, o estigma da turma-problema. Queria abrir portas para além dos portões físicos da escola. Queríamos provar à comunidade que aqueles alunos tinham muitos sonhos ainda por cumprir.

No final do ano, o tão ansiado exame. Se as notas foram extraordinárias? Talvez não. Valeu a mudança na atitude e nos rostos daquelas crianças. A vontade de partilhar e de se sentirem envolvidos num projeto que preenchia a sala de aula.

Quanto a mim, estava fadada a mudar de escola no final do ano... «Malhas que o Império tece!»

Porém, uma última surpresa.

- *'Stora*, queremos convidá-la para vir à escola num dia à noite, mas não podemos dizer porquê.

Aceitei o convite, porque me sentia parte integrante daquele grupo, daquela pequena família que tínhamos vindo a construir.

No dia marcado lá estava eu.

A Rita, a argumentista, a Catarina, a encenadora, o Hélder, o assistente, o Rafael, o sonoplasta e iluminotécnico, a colaboração de todos os outros em tantos outros papéis. Levaram ao palco, com a ajuda de professores de cursos profissionais e outros alunos, a adaptação original de uma peça.

Foi um privilégio e um orgulho perceber que eu tinha incomodado aqueles alunos. Não da forma como sempre me diziam que iria acontecer, mas um incómodo positivo. Algo que os motivou para verem a escola como um local de liberdade e não mais uma prisão.

Algumas famílias lá estavam, também, na assistência, à espera de contemplar as experiências de vida que a escola tinha proporcionado aos seus meninos.

Uns anos depois soube que alguns deles estavam a frequentar o Ensino Superior, contra todas as expectativas iniciais. Foi o Rafael que mo disse. Ele estava a concluir um curso Superior de Teatro!

Educação: Pais e Professores

Maria Joana Francisca Vigano Rafael

A professora Juliana é conhecida como uma boa professora porque ensina e explica de forma clara mas muito rigorosa. O aluno que não faz os trabalhos de casa é castigado. Aliás, é uma turma da 4ª classe e com 45 alunos e não há tempo para conversas. Há programas a cumprir e muita matéria administrar… A 4ª é uma classe de exame.

Contudo, de vez enquanto, a professora faz-se de esquecida e não exige a tarefa de casa. Entra na sala de aulas, cumprimenta a turma e começa a escrever a data e o sumário no quadro. Alguns alunos começam logo a dizer:

- A tarefa, prof!!! A tarefa, prof!!! A tarefa, prof!!!

E os que não fizeram o trabalho de casa, ficavam com raiva dos colegas.

Nesta turma existia um caso inédito. A aluna mais nova da turma nunca fazia a tarefa mas apresentava-se sempre na sala. Era a que mais castigos apanhava: ora alguns berros, ora manter-se 15 minutos de pé no fundo da sala, ora ficar a fazer a tarefa na hora do recreio.

A professora perguntava sempre a menina a razão pela qual não fazia os trabalhos de casa, mas nunca obtinha resposta. A professora estava preocupada com a lentidão da aprendizagem da aluna e o facto de nunca fazer os trabalhos de casa.

Depois de alguns meses de aula, a menina decidiu sair de casa e não chegar a escola. Ficava por detrás de uma casa velha, escondida, todo o tempo que durassem as aulas. A mãe convencida que a filha frequentava a escola e a professora preocupada com a ausência da menina.

Certo dia, perguntou aos colegas se alguém conhecia a casa da colega Angélica.

- Eu conheço !!! Diziam alguns

- Eu não Conheço … diziam outros colegas.

Entretanto, durante o recreio uma das colegas decidiu revelar o segredo a professora.

- Professora, a Angélica é minha vizinha. Ela costuma ficar escondida por detrás de uma casa. Não quer vir mais a escola.

No final da aula, a professora decidiu procurar a menina Angélica. Acompanhada da colega que revelou o segredo, encontraram a aluna escondida por trás de uma casa, a 100 metros da escola. Quando Angélica viu a professora começou a dizer:

- Professora, não me ralhe só … Professora, não me castigue só…

- Disse a professora: Levanta-te, eu quero ir a tua casa falar com a tua mãe! Vamos lá…

- A mamã não está em casa, professora, dizia a Angélica!

Quando chegaram à casa da menina, a professora foi surpreendida com outro cenário: encontraram uma outra criança, irmã da Angélica, que estudava numa outra escola sentada a porta de casa. A mãe daquelas duas meninas era mãe solteira, desempregada. Saía, todas as manhãs muito cedo, para ganhar algum dinheiro e sustentar as filhas. Não tinha hora de chegar a casa. Cansada, preparava a refeição e iam todas descansar. Como foi a escola? Há trabalhos de casa para fazer? O que ensinou a professora, hoje? O que aprenderam? Não era assunto de conversa em casa.

Angélica vivia num drama: a mãe que nunca estava em casa. Chegava cansada e não pergunta se ela tinha feito os trabalhos de casa ou não. A professora que todos os dias perguntava porque que não fazia os trabalhos de casa e castigava-lhe. Para se livrar dos castigos decidiu fugir da escola.

Passado alguns dias, a professora Juliana decidiu procurar a mãe da Angélica. Depois de uma longa conversa, percebeu o porquê que a menina não fazia os trabalhos de casa e tinha abandonado a escola. O caso era complicado…

Depois de um tempo de reflexão, a professora resolveu mudar de estratégia: passou a fazer a correção dos trabalhos de casa após o recreio. Assim, durante o intervalo a professora conversava com os alunos que, habitualmente, não faziam os trabalhos de casa a fim de motivá-los. Por outro lado, decidiu levar o caso da Angélica direção pedagógica.

O diretor pedagógico resolveu levar o assunto para uma reunião de professores, afim de saber se existiam outros casos similares e como se poderia resolver este assunto. A questão levantou um forte debate: alguns docentes defendiam que a escola deve encontrar uma forma de resolver o problema desta aluna e de outros idênticos. Um outro grupo de professores defendia que nem a escola, nem os professores devem assumir aquilo que é responsabilidade dos pais e encarregados de educação.

Naquela reunião não se chegou a um consenso mas foram tomadas algumas deliberações:

1 - Convocar os pais e encarregados de educação para discutir o assunto das faltas, desistências dos alunos e a questão da responsabilidade dos pais e encarregados de educação. Discutir e encontrar formas de partilhar responsabilidades: pais e escola

2- A escola deve fazer um estudo sobre as razões das desistências, o desinteresse dos alunos nas aulas, os que, sistematicamente, não fazem os trabalhos de casa e outros casos afins.

Gestão e mediação de conflitos em contexto escolar – construir na indisciplina

Alfredo José Marinho Caseiro de Almeida

O presente trabalho narra uma situação de conflitos em contexto escolar e apresentação de uma tentativa de resposta, que consiste na elaboração de um projeto a desenvolver na escola, sendo destinatários, os professores, no âmbito da gestão de conflitos, com o tema: " Gestão e mediação de conflitos em contexto escolar – construir na indisciplina".

Relativamente à contextualização do problema, este decorre na Escola Secundária X+S , no Porto, meio urbano, perto do bairro social "S+X".

Em 2016, 80% dos estudantes tinham nacionalidade portuguesa, 10% origem africana e 5% asiática. Os pais apresentavam um nível de escolaridade heterogéneo, com cerca de 70%, apenas com a 4ª classe, 20% com o décimo segundo ano e só 10% com estudos superiores.

Quanto à constituição dos agregados familiares, 45% eram monoparentais, dos quais, 40%, tinham como encarregado de educação, a mãe. Cerca de 60% dos alunos tinha uma elevada taxa de faltas injustificadas. Quanto aos incidentes indisciplinares, 40% ocorreram na faixa etária dos 15 aos 16 anos, 20% dos 16 aos 17 e 40% acima dos 17. Em relação ao corpo docente, no âmbito dos cursos científico-humanísticos, 40% na faixa dos 25-35 anos, 30% dos 35-55 anos e 30% acima dos 55 anos, apenas 10% frequentou ações de formação no âmbito das TIC, mediação de conflitos ou línguas.

As ocorrências indisciplinares consistiam, entre outras, em agressões dentro e fora da sala de aula, insultos pessoais e através das redes sociais, desrespeito constante pela autoridade do professor ou dos assistentes operacionais, filmagem e divulgação dessas imagens via internet, destruição dos equipamentos, elevada taxa de faltas injustificadas, etc....

Assim, o objetivo geral será, " Desenvolver capacidades e competências nos professores para a gestão e resolução positiva de conflitos escolares, de modo a transformar o conflito em oportunidade".

No que toca às palavras-chave: indisciplina; comunicação; relacionamento interpessoal; prevenção; resolução; mediação; mudança; pedagogia e formação.

Segundo João Amado, a problemática dos comportamentos de indisciplina na escola é, de certeza, tão antiga como a própria escola, adquirindo características e intensidades diferentes conforme a atualidade e a sociedade em si. Podemos afirmar que assume hoje uma enorme visibilidade, divulgada pelos meios de comunicação, traduzindo uma preocupação para as instituições com responsabilidades educativas e para o público em geral.

Uma situação de conflito, implica estádios de emergência do conflito, processo do conflito e resultado do mesmo, podendo ser adotadas várias abordagens: as orientadas para as

competências sociais e interpessoais; as academicamente orientadas, no âmbito intelectual e cognitivo; e as mudanças estruturais na organização da escola (Nascimento, 2003).

Assim, quanto ao enquadramento teórico do presente projeto, importa referir que a necessidade de formar professores para a eficaz gestão e resolução de conflitos, advém do atual incremento da indisciplina, caracterizada por atos agressivos, delituosos e violentos, nomeadamente, grosserias, bullying, cyberbullying e outros comportamentos antissociais, com consequente rutura na comunicação entre os professores e alunos, afetando negativamente o processo de ensino e aprendizagem.

Pretende-se que o professor adquira as competências técnico-pedagógicas e interpessoais, para uma atuação eficaz na prevenção e resolução.

Em vez de culpar, pretende-se diálogo, cooperação e tolerância, no fundo uma mudança.

Segundo a conceção positiva do conflito, este é uma oportunidade de aprendizagem e mudança, pretendendo-se, não contornar, mas sim, transformar em algo de positivo. É necessário atuar antes, para prevenir, ou depois, para remediar ou promover. Por outro lado, o projeto só será eficaz se, numa perspetiva de transformação institucional da própria escola, esta permitir a resolução criativa dos conflitos. Assim, a perspetiva desenvolvimental-ecológica, defende a necessária interligação entre as pessoas e todos os contextos que as rodeiam. Nesse sentido, Bronfenbrenner, identificou cinco principais ecossistemas do

desenvolvimento humano e atendeu às relações experienciadas pelo alunos no microssistema (Menezes, 2003).

De acordo com o referido, um projeto só será eficaz, se no processo de elaboração, implementação e avaliação, se promover a articulação das várias atividades, com equipas diversificadas de professores, gestores, alunos, pais, profissionais e elementos significativos na comunidade, para: identificarem as necessidades coletivas; desenvolver um projeto de mudança, com definição de objetivos concretizáveis, estratégias adequadas e avaliação; gerirem e monitorizarem o mesmo, alterando e repensando, tendo em conta os indicadores (Menezes, 2003). Quanto às estratégias de intervenção, com clareza, flexibilidade, democraticidade de regras e oportunidades de participação, pode-se atender à: transformação de práticas pedagógicas; avaliação e transformação do clima institucional da escola; a instituição de equipas de mediadores; comunidade justa; abordagem de afeto no currículo; e investigação-ação, assente na formação dos professores, para os tornar autorreflexivos. Todas são compatíveis e não exclusivas, constituindo um ponto de partida (Menezes, 2003).

Assim e com base no exposto, a área de intervenção do presente projeto, será a formação do corpo docente, promotor principal das relações interpessoais, dentro e fora das salas de aula.

Os objetivos específicos do projeto consistem em: reconhecer a diversidade das causas de conflito disciplinar; identificar padrões de comportamento dentro e fora da sala de aula; identificar meios de prevenção e resolução; reforçar fatores pedagógicos e organizativos para a gestão e resolução; reconhecer a importância da participação ativa e eficaz em equipas diversificadas; promover a comunicação entre todos; reforçar a abertura, afeto e disponibilidade dos professores; reconhecer a importância da formação contínua; compreender o novo paradigma do conflito; adquirir competências para a resolução criativa de conflitos; adquirir competências para mediação através das TIC.

No que toca às estratégias de implementação e de desenvolvimento: estabelecer protocolo com a Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, para a realização de ações de formação no modelo *b-learnig,* no âmbito da gestão e mediação de conflitos; acordar com a Universidade Católica, ações de formação no âmbito das TIC e da legislação relacionada com estatuto do aluno; promover cursos de línguas

estrangeiras junto do instituto britânico; promover ações de esclarecimento sobre drogas, hábitos e linguagem de gangs; promover reuniões com a escola segura da PSP; marcar reuniões gerais para sensibilização; realizar inquérito por questionário ou entrevista para aferir preconceitos ou desconhecimento da multiculturalidade; simular situações de conflito para treino de mediação; promover visitas dos professores ao bairro e participar em ações sociais e culturais; criar equipas de trabalho diversificadas; promover reuniões entre professores e psicólogos, assistentes sociais e auxiliares de ação educativa; convocar reuniões com encarregados de educação para diálogo cooperante e construtivo; promover encontros com os alunos não problemáticos, angariando-os como mediadores entre pares; promover reuniões de reflexão sobre as aprendizagens adquiridas e resultados da aplicação das mesmas; promover debates, colóquios, conferências e seminários com profissionais e investigadores.

Por fim, quanto à avaliação do projeto, será contínua e final, consistindo na: observação das situações simuladas; realização de reuniões mensais do conselho de turma para observar se as estratégias adotadas estão a ser devidamente implementadas e caso seja necessário, redirecioná-las; análise do registo no diário de bordo de cada professor dos objetivos alcançados e dificuldades; inquéritos para avaliação qualitativa do processo; análise comparativa dos casos de conflitos registados no ano anterior e confrontar com os deste ano

desde o momento da implementação do projeto; avaliação de trabalho final das diferentes equipas.

Referências Bibliográficas:

Machado, J; Alves, J.M. [ORG.] 2014, *Melhorar a Escola - Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*.Porto: Universidade Católica

Menezes, I. (2003). A intervenção para a resolução de conflitos ao nível da escola e da comunidade: Em Costa, M.E. (coord.). *Gestão de Conflitos na Escola* (pp.259- 299). Lisboa: Universidade Aberta

Nascimento, I. (2003). A dimensão interpessoal do conflito na escola: Em Costa, M.E. (coord.). *Gestão de Conflitos na Escola* (pp.195- 255). Lisboa: Universidade Aberta

Todos os dias há desafios diferentes

Carla Moreno

Mais um dia na direção…

Abrir o correio institucional, responder a e-mails, definir orientações pedagógicas, reunir com colegas, atos rotineiros diários, se não fosse o bater ensurdecedor das pancadas na porta da direcção, não raro denunciando aflição.

-Professora, quero falar com o diretor, isto não se faz, quem ele pensa que é?

-Respondi:

-Calma João, o que aconteceu?

-O diretor é um insensível, estávamos numa reunião sobre a viagem a Paris, combinando quem ia e, ele, olhando para mim, disse: João, tu não vais! E nem uma explicação me deu…desprezou-me com o seu olhar distante…

E, nisto, o João começa a chorar compulsivamente e vira-se para mim e diz:

-Professora sabe que eu adorava ir, tinha prometido ao meu avô que iria ser o orgulho dele, na prova de vinhos no salão de Paris, e eu que acreditei tanto nesta escola !!!!

Entretanto, apercebendo-se da situação, entra na sala da direção um docente, dirigindo-se-me, e diz:

-Eu já esperava esta atitude do diretor, ele está muitas vezes ausente, ignora as emoções e os sentimentos dos alunos. É natural nele!

Após acalmarmos o João, recorrendo a fatores motivacionais extrínsecos, pedimos que saísse e voltasse à sala de aula.

E, nós, os dois colegas, continuámos dialogicamente a refletir sobre esta situação.

Comentário do colega:

-Sabes, este aluno sentiu-se injustiçado porque foi ignorado pelo diretor, que, friamente, olhou para ele, como que numa rejeição de si e das suas emoções, enquanto aluno e pessoa. Mas, tenho de te dizer, ele é assim também connosco; quando não interessa a conversa, atitude ou comportamento, ou há opinião diferente, ele ignora. É dele…. oiço muitas vezes na sala de docentes, “o diretor é uma pessoa “fria”, não tem emoções!!

E, continuando as indagações, pergunto ao colega:

-Mas tens mesmo essa ideia dele? Achas que o nosso diretor não proporciona um clima organizacional motivacional de bem-estar?

-Queres melhor justificação?! Até os alunos sentem isso; o João podia não ir a Paris, mas que custava "olhar empaticamente" para ele?

Realmente, comecei a perceber que estava perante mais um desafio neste dia: quem era este diretor que não demonstrava esta competência social de empatia? Que contributo conseguia eu dar para a solução do problema?

E sucessivas interrogações continuavam a assolar a mente em silêncio: será que o diretor sabe controlar, com destreza, as emoções? Sendo certo que estas estimulam o êxito profissional, como deve relacionar-se o diretor com os alunos, com os docentes e toda a comunidade educativa?

Ainda em relação dialógica com o colega, sobre o assunto em causa, entra novamente o João e pergunta:

-Hoje o Diretor não vem? Eu vou dizer-lhe tudo o que sinto…

E esta palavra "SINTO" fez-me reflectir, em surdina, sobre a escola como um espaço de sensações/ emoções/ sentimentos, que pode reequacionar teorias sobre o papel da razão e da emoção, na gestão de relações interpessoais e intrapessoais.

E olho para o João e digo:

-O diretor vem hoje e vai ouvir-te!

Senti que estava a assumir um compromisso, do qual não tinha bem a certeza se era exequível, mas tinha de o fazer, perante tal situação. Penso que contribuí para que este aluno saísse da direção com a garantia de que este diretor iria ouvir as suas emoções.

E amanhã que novo desafio enfrentarei?

As escolas são geradoras de aprendizagem, crescimento, equidade e inclusão

Laura Maria Gouveia da Rocha

A escola profissional onde trabalho foi contactada, em 2000, pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, pela Embaixada de Timor e pelo Ministério de Educação, para ajudar a resolver um problema de integração de um jovem Timorense.

O AB era um jovem com 27 anos timorense, que veio para Portugal como Bolseiro do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, para frequentar a Licenciatura de Economia na Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Frequentou a referida licenciatura durante 3 anos, não realizou qualquer aprendizagem e claro não fez qualquer disciplina/cadeira com sucesso.

Qual foi a questão?

O AB não tinha qualquer tipo de literacia na língua portuguesa, "arranhava-a" oralmente, mas quase não percebia o que se lhe dissesse ou se escrevesse… quanto mais a linguagem técnica de Microeconomia, Contabilidade Geral, Direito, Métodos Quantitativos, etc.

Mais grave ainda, nestes 3 anos o AB andou "solitário entre a gente", não foi acolhido, integrado, ninguém o cativou (criou laços)… quer as entidades que lhe conferiram a bolsa, quer os responsáveis do curso e quer os colegas.

O AB viu-se num país diferente, perante uma nova cultura, novos hábitos, novos costumes, novos ritmos e estratégias de aprendizagem, novos sistemas de avaliação, novos relacionamentos, aumentado do sentido de identidade e exigências de autonomia.

É essencial que haja uma adaptação satisfatória, o que significa não só um bom desempenho académico, mas também a satisfação noutras áreas, como a social e pessoal.

O AB encontrou, espaços de solidão e não espaços produtores de culturas singulares de múltiplas interações, comunicação, cooperação e partilha.

Então qual foi a solução?

O Ministério da Educação decidiu contactar a minha escola, uma escola profissional que tem como objetivo resolver problemas de jovens que não conseguem aprender! (disseram eles…).

O AB foi acolhido, foram-lhe diagnosticadas grandes lacunas e dificuldades na língua Portuguesa e na língua Inglesa, claro! Era um jovem educado, introvertido, acanhado e muito tímido.

Em conjunto definimos um plano pedagógico, por sua vontade ingressou no Curso Profissional Técnico de Informática de Gestão. Foi bem acolhido, apoiado e integrado pela comunidade educativa, durante os 3 anos do curso frequentou aulas intensivas de Português e de Inglês, foi 100% assíduo, nunca teve módulos em atraso.

Ao longo destes três anos cresceu imenso como pessoa, pois conseguia gerir a parca Bolsa, mostrou grande persistência, resiliência e humildade em repetir o 10º, 11º e 12º anos.

No final do Curso Profissional passaram 6 anos de permanência em Portugal, (3 anos na Faculdade de Economia e 3 anos no Curso Profissional) o AB foi obrigado a regressar a Timor a 15/08/2006.

Mas ele tinha traçado um Projeto de Vida:

07/08/2006

“Professora, eu vim para Portugal para frequentar o ensino superior e não vou defraudar o meu País que apostou em mim. Candidatei-me a uma Bolsa de estudo na Fundação Millennium BCP e candidatei-me na Faculdade de Letras à Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação. Venho-lhe pedir autorização para ser a minha representante caso eu tenha de ser obrigado a regressar a Timor antes dos resultados.”

Claro que aceite e lhe dei autorização!

Ajudei-o a fazer uma carta de apresentação à Fundação Millennium BCP e uma carta às entidades que o estavam a obrigar a regressar, colocando a hipótese de ressarcir as mesmas dos gastos com o regresso.

A vontade humana, o sonho, o empenho, a resiliência trazem sempre bons frutos!

O AB não foi obrigado a regressar, ingressou na Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação e concluiu-a com mérito em tempo útil.

Foi contratado pelo Governo de Timor para organizar o Arquivo Nacional, a "Torre do Tombo à moda de Timor", palavras do AB.

Antes do regresso definitivo a Timor veio despedir-se de nós e deixar um Bem-Haja, a todos os que contribuíram para a sua VIDA!

E para a nossa (minha) história pessoal e para a vida da escola foi uma aprendizagem coletiva de que nunca se deve desistir, deve-se potencializar, mental, intelectual e pessoalmente os jovens que recebemos!